

**FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS
E MACHADO DE ASSIS**

JOSÉ GALVÃO
Universit  Paul Valery



FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS (Segundo uma
fotografia de Insley Pachaco)



JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS
(28 anos) (1839/1908)

Faustino Xavier de Novais foi poeta e jornalista; nasceu no Porto em 17 de fevereiro de 1820, faleceu no Rio de Janeiro em 16 de agosto de 1968. A sua obra literária é bem pouco conhecida, mesmo entre os estudiosos da literatura portuguesa. Limitaram-se, apenas, a afirmar que Novais tinha sido um poeta satírico, pouca coisa mais, por assim dizer. Ora, como este autor passou os últimos onze anos de sua vida no Brasil, resolvemos há alguns anos estudá-lo analisando a sua obra poética, teatral e jornalística, tanto em Portugal como no Brasil.¹

O seu apogeu como poeta satírico situa-se por volta de 1854,

quando, há quase uma década, muitos dos seus escritos alegravam vários jornais portugueses com as suas crônicas teatrais humorísticas. Encômios não lhe faltaram de parte da imprensa portuense. Convém lembrar que nessa época do "Porto Romântico", boas revistas literárias surgiram para dar evasão aos numerosos vates e escritores que abundavam naquela cidade: **O Bardo** (1852/54), dirigida por Novais, **Miscelânea Poética** (1852), a **Grinalda** (1855/1869).

No ano de 1855, saiu impresso pela famosa tipografia de J. Sebastião Pereira, do Porto, um volume com o título despretensioso de **Poesias** com 306 páginas, cheias de sátiras mordazes, contra os "Nobres", e sobretudo aos "poetas", características inerentes do nosso bardo. A sua venda foi tão rápida que o autor foi obrigado a fazer uma 2ª edição no seguinte ano de 1856.

Faustino, de gênio irrequieto, não se contentou com as glórias que na capital nortenha angrariara; deu-lhe o desejo de se expatriar para a terra irmã como fizeram alguns de seus amigos literatos, julgando que seria fácil enriquecer no país das "árvores das patacas". Antecedera-o, porém, Antônio Moutinho de Sousa (1835-1895), este atraído pelas musas e pelo teatro, vira que naquele velho burgo não poderia dar largas ao seu talento; imigrara então para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em fevereiro de 1858. Aceitara-o de imediato, em sua Companhia Teatral, o rico português Heliodoro Gomes dos Santos, proprietário do "Ginásio Dramático"². Não lhe foram negados elogios comentários nas crônicas de jornais da época, sendo algumas delas assinadas por Machado de Assis.

Moutinho trabalhou pouco tempo na empresa de Heliodoro dos Santos; logo passou a fazer parte do elenco de Gabriela da Cunha Vecchy, artista que recebera sobejos louvores não somente da imprensa como também em versos, do mesmo Machado de Assis³. Para nós, este círculo de amizade, construído pela artista famosa Gabriela, seu futuro genro, Moutinho de Sousa e Machado Assis, facilitará a Novais, que estava prestes a chegar, à sua inserção nos meios artísticos e teatrais. Parece provável que Moutinho de Sousa tecera gabos ao amigo e poeta que em breve aportaria do Rio; decerto isto lhe facilitaria a adoção dos brasileiros.

Foi da "Cidade dos Tripeiros" que Novais partiu e veio a desembarcar no Rio de Janeiro a 3 de junho de 1858. Não sabemos se no cais vieram recebê-lo os seus amigos íntimos, Moutinho de Sousa e Artur Napoleão (este jovem que fora na sua meninice um pianista prodígio, deslumbrando platéias inteiras nas capitais européias e nas das Américas). Faustino, aliás, não cessará de lisonjear este último em muitos de seus poemas. O certo é que a sua chegada não passou despercebida: o famoso poeta romântico Casimiro de Abreu, pelo jornal **Correio Mercantil**, de 7 de

junho de 1858, publicou um longo e laudativo poema de que transcrevemos alguns versos mais significativos:

“Bem vindo sejas, poeta
a estas praias brasileiras!
Na pátria das bananeiras
As glórias não são de mais.
Bem vindo, ó filho do Douro!
A terra das harmonias,
que tem Magalhães e Dias,
Bem pode saudar Novais.

Vieste a tempo, poeta,
trazer-nos o sal da graça,
.....
e ao bom humor dando largas,
a comprimir as ilhargas,
agora vão todos rir.

Entre todos os paquetes
que o velho mundo dos manda,
eu sustento sem demanda:
Tamar foi o mais feliz;
os outros trazem cebolas,
vinho em pipas, trapalhadas;
este trouxe **gargalhadas**,
sem ser fazendas em barris”.⁴

Também o emprego lhe não foi sonogado: logo nos primeiros dias que se seguiram à sua chegada, começou a trabalhar como folhetinista no **Jornal do Comércio**, do Rio de Janeiro à convite de um amigo que o precedera na imigração. Foi nesse seu primeiro período que conheceu o jovem aprendiz de jornalismo Joaquim Maria Machado de Assis; ambos partilhavam da mesma labuta como cronistas, nascendo daí uma amizade que os uniria para sempre. Nos saraus literários estavam sempre juntos. Faustino não só declamava os seus poemas, mas, também, alegrava os ouvintes tocando flauta, pois era exímio na execução de trechos musicais com este instrumento. Isto lhe faria, decerto, lembrar os famosos “outeiros” que frequentara, outrora, no Porto em companhia de Camilo Castelo Branco.

Mas o nosso poeta de carácter volúvel, um ano e pouco depois

de radicado no Brasil resolveu abandonar as letras, conforme afirma a Alexandre Herculano em carta do Rio de 7 de janeiro de 1860:

“... Arrumei dois sopapos na Musa e vou entregar-me ao comércio, que dá, ou pode dar, melhor resultado? Quero ver se desenvolvo aqui o gosto pela literatura, vendendo alguns livros nossos - quero dizer portugueses - de autores conhecidos, por um preço inferior àquele que lhes marcam os livreiros daqui. ...”⁵

Os “sopapos na Musa” traíram-no. Com efeito, estabeleceu-se com uma papelaria e livraria com dinheiro alheio, à rua Direita 86 (hoje 1ª de Março). Não foi feliz; alguns meses depois abriu falência, e os credores acudiram de imediato. Pagou-lhe as dívidas o Conde de São Mamede, amigo íntimo da família dos Novais do Porto. Mas, passado algum tempo, este “sopapo” não lhe bastou. Vejamos porquê. Com a morte de Francisco de Paula Brito, em 1861, e por conseguinte a derrocada da famosa revista **Marmota**, de que era o proprietário, esta deixou de circular em 15 de dezembro de 1861.

Novais então, animado por vários de seus correligionários de letras, tentou substituir a desaparecida **Marmota** (nesse tempo, não se chamada mais **Marmota Fluminense**) por um outro jornal literário. Técnica tinha ele de sobra, porque no Porto fora o director de **O Bardo** de 1852/54⁶. Começou, então, o seu trabalho de epistológrafo. Do Rio seguiram dezenas de cartas aos seus amigos escritores em Portugal, implorando-lhes os seus artigos, conforme nos comprovam os autógrafos que podemos consultar.

Em 8 de Maio de 1862 escreve a Latino Coelho pedindo-lhe a sua colaboração:

“... Mas o seu nome é muito apreciado aqui, e tendo de começar a publicação no 1º de julho, lá vai o nome do Latino no programa que hoje começo a distribuir conjuntamente com as listas para as assinaturas...”⁷

Uma outra de que temos conhecimento, foi a Alexandre Herculano, em 10 de Março de 1862:

“... Desejo começar no 1º de Julho, e seria uma grande fortuna que eu pudesse apresentar no 1º número o seu respeitável nome. Sei que tem muito que fazer; mas se tivesse algum trabalho feito que pudesse mandar-me, para eu ir dando aos poucos seria duplicado favor.

.....

O meu jornal (ainda por batizar) deve sair com 30 páginas, duas vezes por mês. ...”⁸

Quem não lhe faltou com a palavra e efetivamente lhe mandou várias colaborações foi o seu mestre e amigo Camilo Castelo Branco, acompanha-os escritos de Ana Plácido.

Este seu jornal veio à luz em 15 de setembro de 1862, “batizado” com o nome de **O FUTURO**. Nele encontramos também alguns artigos de Machado de Assis, e um poema **Embirração** que Novais lhe dedicou. Não é nossa intenção, neste fugaz estudo, relacionar os seus correspondentes, mas afirmamos que os nomes nele inseridos foram, na sua maior parte, eminentes.

O FUTURO não lhe trouxe fortuna, mas, ao contrário a desventura, que uma vez mais o levou à desgraça em que a revida comicamente: “Deu a alma ao diabo em 15 de julho de 1863.” Ou por um longo poema de que transcrevemos esta estrofe:

“Adiante, subi um furo,
fiu às nuves elevado,
sou redator do **Futuro**
mas olha que estou **passado**
que o presente é olho duro.
.....”⁹

Depois desta sua segunda derrota, perdeu a energia corporal e intelectual, passando a viver de caridade em casa da Baronesa de Taquari. Como pagamento a esta ilustre anfitriã, compunha sonetos por ocasião de seus genetlácios até 1865. Seleccionamos estes dois quartetos do soneto datado de 19 de outubro de 1863, logo a seguir a seu desastre comercial:

“Da vida na viagem tormentosa,
Vi o mar levantar-se enfurecido;
Quase sem rumo, já, quase perdido,
Julguei a morte certa, e dolorosa.

Mas vi terra, por fim! D’árvore anosa
A doce e amena sombra recolhido,
Alma nova ganhei, que, esmorecido,
Era-me a vida, já, longa e penosa.”¹⁰

Sem dúvida que “ganhou alma nova”, mas, por quanto tempo

ainda? Teve ainda forças para enviar folhetins ao **Correio Mercantil** de Novembro de 1863 a julho de 1864, uma série humorística intitulada **Cartas de um Roceiro**¹¹ com o pseudónimo de Bernardo Jr. . Este trabalho não lhe deu proventos, apenas lhe permitiu arranjar o que hoje chamámos de dinheiro de bolso. O nosso poeta abancou, pois, em uma de suas cartas a Camilo afirmou:

“... Só faço versos quando me pedem e não posso eximir-me. Linha espontânea não escrevo uma só. ...”¹²

Em carta, também, a Alexandre Herculano de 7 de setembro de 1865, confessa a imécia que começava a inutilizá-lo:

“Eu continuo na peregrinação, sem outro rumo que não seja o cemitério, o único a que chega sem custo, e onde, só, se encontra o verdadeiro sossego. A respeito de letras, fiz à literatura portuguesa o grande favor de morrer para elas.”

Mesmo nessa letargia em que se via não deixou de lado o seu espírito alegre e brincalhão, e continua informando:

“Empregado na Praça do Comércio cabe-me a poética missão de farejar os armazéns da Alfândega, para poder tomar nota, num livro do meu tamanho, dos legumes e mais **iguarias** que nos manda a Europa. ...”¹³

A sua capacidade intelectual muchou, e a partir deste período, tem intermitências da loucura, que o matará; nada mais faz do que coligir os trabalhos publicados, outrora, em jornais. Como a sua enfermidade se agravara nesses últimos tempos, resolvera então mandar vir do Porto uma de suas irmãs, para o assistir em sua doença. Foi nesse ínterim que surgiu um grave problema de família, recaindo sobre Carolina de Novais, isto é, a parente em causa. O que se passou? Alguns biógrafos de Machado de Assis ficaram intrigados pelas declarações de Artur Napoleão que se encontrava presente no Porto nesse momento, e que mais tarde publicou em suas “MEMÓRIAS”. Posteriormente, o pesquisador Sanches Frias, reproduziu-as também em parte nas **Memórias Literárias**:

“... Íntimo drama de família em que escapou de ser vítima Carolina de Novais. ...”¹⁴

Nunca se percebeu, com clareza o que se passou com a citada família. Mas, as interpretações nunca foram satisfatórias, somente suposições! R. Magalhães Jr. aventou a hipótese:

“... Talvez uma ameaça à vida por parte de um apaixonado desequilibrado e repellido.”¹⁵

Qual foi, pois, a razão de sua vinda precepitada ao Brasil? Cuidar como uma enfermeira de seu irmão já com o cérebro muito doente? ou melhor fugir dos importunos faunos que a rodeavam? Das três irmãs de Faustino que viviam no Porto, Carolina foi escolhida para evitar os futuros desgostos, e partiu. Continuamos a citar o que Sanches Frias em sua obra **Memórias Literárias**, retomou de Artur Napoleão:

“... Testemunha de cena pungente e amigo dedicado da família, eu a pedido da mesma, fui solicitado para acompanhar Carolina ao Rio de Janeiro e levá-la para junto do irmão Faustino, pedido a que acedi da melhor vontade.”¹⁶

Embarcaram, então, ambos no Porto, no navio francês “Estremadure”, aportando ao Rio de Janeiro no dia 18 de junho de 1868, e foram diretamente à casa de Dona Rita de Cassia, filha da falecida Baronesa de Taquari, no Rio Comprido. Vejamos o que descreve Artur Napoleão:

“... Na própria noite do desembarque, em carruagem, levei D. Carolina ao Rio Comprido, onde morava Faustino. Passeava o poeta, já com o cérebro avariado, ao todo da sala, e ao ver-me e à irmã Carolina, desatou em pranto, comovidíssimo e titubeante.”¹⁷

FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS ENFERMO

Nessa ocasião, as pessoas íntimas rendiam-lhe constantes visitas quando o sabiam mais gravemente enfermo. Nas idas e vindas dos amigos, destacaremos, sem dúvida, Machado de Assis, pois havia entre eles uma amizade que remontava há onze anos, isto é, desde os primeiros momentos da imigração de Novais.

Carolina ficou também em casa de D. Rita de Cassia, permanecendo ambas amigas e confidentes. Nessa residência Machado foi apresen-

tado à simpática recém chegada portuense. Destes reencontros habituais de Machado à Carolina, nasceu o amor, embora ela contasse os seus 34 anos e o futuro eleito 29. Não sabemos muito destes trâmites amorosos apenas poderemos reproduzir o que escreveu R. Magalhães Jr. em sua obra: **Vida e Obra de Machado de Assis**, vol.I. Um dia estando a sós, Machado perguntou-lhe: “Quer casar-se comigo?” A resposta foi clara e incisiva: “Quero”¹⁸. Foi, então, o começo dum grande amor a que nem a morte pôs fim. Citamos, a título de exemplo, alguns versos de Machado a Carolina: “Pálida Elvira”:

“.....
Na mesma luz do amor os dois se inflamam,
Ou, como diz Filinto: “Amados Amam”.”¹⁹

Mas a moléstia de Faustino progredia inexoravelmente com seus altos e baixos, às vezes parecendo quase fatal.

Machado foi um assíduo frequentador do “Clube Fluminense” e lá se encontrava quando recebeu um bilhete de Manuel de Araújo em que dizia:

“Meu querido Machado: Desgradadamente creio que se realiza a tua profecia. O nosso infeliz Novais piorou, segundo agora me disse o Ferreira, consideravelmente. Cumpre portanto, que hoje não deixemos de ir lá. Como não há de estar aquela pobre gente! Adeus, e vem cedo para combinarmos a hora da nossa partida. Teu do coração, Manuel Araújo”²⁰

Mas, o fim esperado não se concretizou. O jornal **Diário do Povo** de 4 de novembro de 1868, transcreve a seguinte notícia de Augusto Zaluar:

“O Sr. Faustino de Novais - Este bom conhecido e estimado poeta, que estivera gravemente enfermo, acha-se hoje restabelecido. Damos os parabéns aos seus numerosos amigos.”

Para que a sua saúde melhorasse e a conselhos de amigos, Novais e a sua irmã resolveram passar uma temporada em Petrópolis, julgando que os ares salutarés das montanhas fariam à sua precária saúde. Seguiram, portanto, para lá em fevereiro de 1869. Debalde! Carolina em car-

tas a Machado datadas de 2 de março de 1969 informava que o seu irmão não melhorava. (Chamamos a atenção dos leitores que Machado tinha o costume de abreviar os nomes dos familiares como se segue: F. por Faustino, C. Carolina, M. Miguel, A. Adelaide). Convém salientar que os seus irmãos seguiram os passos de Faustino, vindo todos para o Rio a convite do Conde de São Mamede.

Retornemos às correspondências trocadas entre os apaixonados, de que apresentaremos alguns extratos:

“2 de março./ Minha Querida C./ Recebi ontem duas cartas tuas, depois de dois dias de espera. Calcula o prazer que tive, como as li, reli e beijei! A minha tristeza se converteu em súbita alegria. Eu estava tão aflito por não ter notícias tuas que saí do Diário à 1 hora para ir à casa, e com efeito encontrei as duas cartas, uma das quais deveria também ter vindo antes; mas que sem dúvida por causa do correio, foi demorada. (...) Eu já tinha ouvido cá que o M. alugara casa nas Laranjeiras, mas, o que eu não sabia era que projetava essa viagem a Juiz de Fora. Creio como tu, que os ares não fazem nada ao F.; mas compreendo também que não é possível dar simplesmente essa razão. No entanto, lembras perfeitamente que a mudança para outra casa no Rio seria excelente para todos nós. O F. falou-me nisso uma vez e é quanto basta para que se trate disto. A casa há-de encontrar-se, porque empenha-se nisto o meu coração. Creio, porém, que é melhor conversar outra vez com o F. no sábado e ser autorizado positivamente por ele. Ainda assim, temos tempo de sobra: 23 dias; é quanto basta para que o amor faça um milagre; quanto mais isto que não é milagre nenhum./ Vais dizer naturalmente que eu condescendo sempre contigo. Por que não? Sofreste tanto que até perdeste a consciência do teu império, estás pronta a obedecer; admiras-te de ser obedecida. (...)”

A mudança de Petrópolis para cá é uma necessidade, os ares não fazem bem ao F., e aí é um verdadeiro perigo para quem lá mora.(...)”²⁰

Não nos passou despercebida a leitura desta carta, notamos por duas vezes, que Machado reiterou o desejo de ser consultado por Novais, “ser autorizado positivamente por ele”, e mais abaixo “ficar autori-

zado por ele, a fim de não parecer ao M. que eu tomo uma intervenção incompetente." Não é só isso: deixa-nos transparecer claramente que o seu futuro cunhado Miguel sempre tivera ojeriza do eminente consórcio de sua irmã, ambicionando melhor cônjuge que lhe traria certamente "glórias fofas! e estéreis", casando-se não com um mulato, como o era Machado de Assis. O que importava este enlace ao Miguel? Os noivos se amavam como o confidenciou no final desta longa missiva:

"... Depois... depois querida, queimaremos o mundo, porque é só verdadeiramente senhor do mundo quem está acima das glórias fofas e das suas ambições estéreis. Estamos ambos neste caso; amamo-nos, e eu vivo e morro por ti. Escreve-me e crê no coração do teu - Machadinho"

ÚLTIMOS MESES DA VIDA DE FAUSTINO

De volta de Petrópolis, Ernesto Cibrão, amigo de longa data do infortunado enfermo, emprestou-lhe a sua casa à rua Marquês de Abrantes²¹ perto da praia, a fim de que Faustino pudesse tomar banhos de mar, mas nada feito. O poeta satírico piorava cada vez mais, ajuntando-se a esse infortúnio a falta de recursos financeiros.

Surgiu, felizmente, o convite do Conde de São Mamede para que os irmãos fossem viver em seu palacete à rua Ipiranga nas Laranjeiras. Bem instalados ficaram os hóspedes; porém, o nosso vate piorou sensivelmente, gozando da hospitalidade pouco tempo, vinda a falecer no dia 16 de agosto de 1869.

Reproduzimos, expressamente, o que escreveu Camilo Castelo Branco por ocasião de sua morte contra uma certa Elvira, amiga infiel de Novais:

"... morreu. Foi melhor. Vingou-se mais nobremente assim. O corpo apodreceu à sombra de um monumento, mas a alma do poeta deve estar gravada no peito de Elvira como a folha ervada de um punhal. Eu sei lá! Há peitos que fazem dos espartilhos uma couraça, e há mulheres que não tem, sequer, a fibra no calcanhar."²²

Sim, Faustino Xavier de Novais está sepultado debaixo de um monumento erigido em sua memória no cemitério São João Batista, jazigo

nº 284, no Rio de Janeiro.

Machado de Assis também não esqueceu o amigo, dedicando-lhe esta ode, de que transcrevemos, apenas, alguns trechos:

A.F.X. de Novais

Já, da terrena túnica despida,
Voaste, alma gentil, à eternidade;
E sacudindo a terra,
As lembranças da vida, as mágoas fundas
Foste ao sol repousar da etérea estância.
.....
Não te choramos, pois, descança ao menos
No regaço da morte: a austera virgem
Ama os que mais sofreram; tu compraste
Co'a dor profunda o derradeiro sono.
.....
Tu viverás. Não morre
Aquele, em cujo espírito escolhido
A mão de Deus lançou a flama do estro.
Traz do berço o destino. Em vão, fortuna
Lhe cumpre a voz; prorrompe.
Tal o rochedo inútil
Ousa deter as águas;
A corrente prossegue impetuosa,
O campo alarga, e a terra mãe fecunda!

Machado de Assis

Após a morte de seu irmão, Carolina continuou a usufruir das benesses dos Condes de São Mamede, até o dia do seu casamento com Joaquim Maria Machado de Assis, que se deu aos 12 de novembro de 1869. Foram os padrinhos de Carolina Augusta Xavier de Novais o Conde de São Mamede e Artur Napoleão.

NOTAS

1. Galvão, José. - **Faustino Xavier de Novais, Sa Vie et Son Oeuvre Satirique**, 3 vols., dactilografado, Montpellier, Université Paul Valéry, 1988. Tese de doutorado de "3ème Cycle". Diretor de Tese Professor Doutor Adrien Roig.

2. Sousa, J. Galante de. - **O Teatro no Brasil**, Rio, I.N.L., 1960, 2 vols.
3. Idem, ibidem.
4. Abreu, Casimiro de. - **Correio Mercantil**, Rio de Janeiro, 7/6/1858.
5. Baião, Antônio. - "19 cartas de Faustino Xavier de Novais a Alexandre Herculanô", in **Anais da Academia Portuguesa de História**, Lisboa, 1956, 2ª série, IV, pp. 251/290.
6. Galvão, José. - op. cit. 2º vol.
7. Galvão, José. "Cinq Lettres inédites de Faustino Xavier de Novais à Latino Coelho", **Quadrant**, 1984, Université Paul Valéry.
8. Baião, Antônio. - op. cit.
9. Novais, F. Xavier de. - **O Futuro**, Rio de Janeiro, 1863, pp. 623/626.
10. Novais, F. Xavier de. - **Poesias Póstumas**, Porto, Ernesto Chardon, 1877, 320 p.
11. Novais, F. Xavier de. - **Cartas de um Roceiro**, Rio de Janeiro, Tip. Perseverança, 1867, 404 p.
12. Camilo, Castelo Branco. - **Cancioneiro Alegre**, Porto, 1879, Tip. Pereira, Sanches Frias na sua obra **Ines D'Horta**, reproduz parcialmente a carta de F.X. de Novais, datada de 23 de outubro de 1866.
13. Baião, Antônio. - op. cit.
14. Sanches Frias - **Memórias Literárias**, Lisboa, Tip. Empresa Literária, 1907, 396 p.
15. Magalhães Jr. - **Vida e Obra de Machado de Assis**, V d. I, pág. 27, Rio de Janeiro, I.N.L., 4 vols.
16. Sanches Frias - op. cit. p.208.
17. Idem, ibidem, p.336.
18. Magalhães Jr. - op. cit., p.30.
19. Idem, Ibidem, p.30.
20. Idem, Ibidem, p.31.
21. Sanches Frias - op. cit., p.210.
22. Branco, Camilo Castelo. - **Narcóticos**, Porto, Livr. Simões, 1958, 419 p.